

ISSN 2238-9113

ÁREA TEMÁTICA:

- () COMUNICAÇÃO
- () CULTURA
- () DIREITOS HUMANOS E JUSTIÇA
- (X) EDUCAÇÃO
- () MEIO AMBIENTE
- () SAÚDE
- () TRABALHO
- () TECNOLOGIA

**IDENTIDADES DE GÊNERO, RAÇA E SEXUALIDADE E O ENSINO-
APRENDIZADO DE LÍNGUA INGLESA: REFLEXÕES TEÓRICAS**

Rosana Ap. R. de Sene¹ (UEPG/Mestranda)

Profa. Dra. Aparecida de Jesus Ferreira² (UEPG/Professora)

Rosana Ap. R. Sene (senerosana@gmail.com)

RESUMO: O presente estudo está inserido no Mestrado de Linguagem, Identidade e Subjetividade. As reflexões trazidas aqui são reflexões que estão sendo abordadas no GEPLIS Grupo de estudos e pesquisas em linguagem e identidades sociais (Projeto de extensão). No momento, esse artigo versa contribuir com reflexões sobre as identidades de gênero, raça e sexualidade nas aulas de língua inglesa. Buscando compreender sobre tais identidades, e como essas identidades se relacionam com o ensino-apredizagem desta língua estrangeira. Tais reflexões se fazem importantes, pelo fato da instituição escolar receber sujeitos distintos de gênero, raça e sexualidade, surgindo à necessidade de um currículo acolhedor e que garanta o acesso e permanência de estudantes, neste ambiente sem restrições pelas suas identidades. O desenvolvimento deste estudo será através de pesquisa bibliográfica, com o referencial teórico em Louro (1997, 2007, 2013), bell hooks (2000), Moita Lopes (2002), Ferreira (2006, 2015), Auad (2006), Hall (2011), Cruz (2015), Dias e Mastrella-de-Andrade (2015). Os resultados esperados são: desconstruir estereótipos em sala de aula, no discurso de educadoras/es e estudantes no que se refere às relações de poder, desestabilizando a composição do binarismo: homem/mulher, negro(a)/branco(a), heterossexual/homossexual, para colaborar na construção de uma sociedade mais humana e digna para todas as pessoas.

PALAVRAS-CHAVE – Identidade de gênero. Identidade de raça. Identidade de Sexualidade. Língua Inglesa.

Introdução

As discussões sobre as identidades de gênero, raça e sexualidade são, às vezes acaloradas e desconfortáveis para algumas pessoas, principalmente quando abordadas no ambiente escolar. Mas se torna impossível não discuti-las neste ambiente, devido esta instituição receber sujeitos distintos de gênero, raça, e orientação sexual. Dessa forma, se faz necessário um currículo mais abrangente, no qual as/os estudantes sejam acolhidas/os com a garantia de permanência e acesso a aprendizagem, sem sofrer restrições pela sua identidade de

¹ Participante do GEPLIS: Grupo de estudos e pesquisas em linguagem e identidades sociais (Projeto de extensão). Mestranda em Linguagem, Identidade e Subjetividade/UEPG.

² Aparecida de Jesus Ferreira, Pós-doutora e doutorado pela Universidade de Londres. Professora do Programa de Mestrado em Linguagem, Identidade e Subjetividade da UEPG e professora do curso de Letras. Coordenadora do GEPLIS: Grupo de estudos e pesquisas em linguagem e identidades sociais (Projeto de extensão).

gênero, raça e sexualidade nesse local. Dessa forma, o presente artigo versa problematizar sobre as identidades de gênero, raça e sexualidade e o ensino-aprendizagem de língua inglesa.

Para isso, o presente artigo será dividido em duas seções. Na primeira seção será abordada sobre; as nomenclaturas das identidades de gênero, raça e sexualidade, e na segunda seção será abordado sobre as identidades de gênero, raça e sexualidade e o ensino-aprendizagem de língua inglesa, e nas considerações finais, essas reflexões são retomadas, de maneira a (re)pensar sobre as marcas da linguagem de Língua Inglesa na vida das/dos estudantes.

Objetivos

- Compreender a necessidade de problematizar as identidades de gênero, raça e sexualidade nas aulas de Língua Inglesa.
- Compreender como as identidades de gênero, racial e de sexualidade se relacionam com o ensino-aprendizagem de Língua Inglesa.

Referencial teórico-metodológico

1. Compreendendo as nomenclaturas de gênero, raça e sexualidade

Para discutir sobre a identidade de gênero me baseio em Louro (1997), a qual afirma que para compreender o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade, se faz necessário observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos, ou seja, lidar com o conceito de gênero significa colocar-se contra a naturalização do feminino e, obviamente, do masculino, (LOURO, 2007). Conforme Auaud (2006), as relações de gênero, como socialmente construídas, nos possibilitam compreender que uma série de características consideradas "naturalmente" femininas ou masculinas correspondem às relações de poder. Essas relações, com o passar do tempo, ganham formato "naturais", de tanto serem praticadas, contadas, repetidas e recontadas, tornando-se características construídas, ao longo dos anos e dos séculos.

Para as discussões da identidade de raça, trago; Ferreira (2012, 2015) a qual entende raça como social, histórica e culturalmente construída, pois "quando as pessoas são convidadas a se autotransclassificar com relação à raça, sua decisão está relacionada às imagens que já foram construídas para elas, e que são associadas ao que foi construído social e historicamente. Há pessoas negras, que ainda não se reconhecem como negras/os, devido aos estereótipos, racismo e preconceitos, ainda existentes. Hall (2011) menciona que "raça", não é uma categoria biológica ou genética que tenha qualquer validade científica. A raça é uma

categoria discursiva e não uma categoria biológica, ou seja, ela é uma categoria organizadora daquelas formas de falar, daqueles sistemas de representação e práticas sociais (discursos), utilizadas freqüentemente para especificar as características físicas e corporais (cor da pele, textura do cabelo), como marcas simbólicas, a fim de diferenciar socialmente um grupo do outro. Então, raça passou a existir a partir do momento, que certas características encontradas nos corpos negros, foram sendo utilizadas pra diferenciar dos corpos brancos. Neste momento, surgiu as "diferenças" entre negros e brancos. Até que os negros conseguissem se libertar do processo de submissão e escravidão, os brancos tinham total domínio do poder, exercendo cargos de superioridade, enquanto o negro era escravizado e dominado. Assim durante muitos anos, os negros não eram considerados como pessoas, eram apenas "posses" dos senhores feudais.

Para discutir as questões de sexualidade, eu trago Louro (1997), a qual menciona que as pessoas podem exercer sua sexualidade de diferentes formas, podendo "viver seus desejos e prazeres corporais", com parceiras/os do mesmo sexo, do sexo oposto, de ambos os sexos ou sem parceiras/os, vindo a ser construída, ao longo de toda a sua vida, de muitos modos, tendo tanto a ver com o corpo, como com as palavras, imagens, ritual e fantasia, reforçando que as identidades não são dadas ou acabadas, nem fixadas em um determinado momento da vida das pessoas, mas são (re)construídas o tempo todo, é o sujeito em processo, (LOURO, 1997). Assim, as identidades vão além, das identidades de gênero masculino/feminino, sendo abarcadas pela teoria queer, a qual compreende que as pessoas LGBTs (lésbicas, gays, bissexuais e transexuais), que tem suas identidades que não se "encaixam" no gênero masculino ou no feminino, ou às vezes abrangem o feminino ou masculino, e às vezes abrange os dois gêneros e às vezes não abrange nenhum dos dois gêneros. De acordo com Louro (2013) queer é estranho, raro esquisito, é também a forma pejorativa de se referir a um sujeito não-heterossexual, seria o equivalente, em português, a "viado", "bicha", "sapatão". Essa expressão, repetida como xingamento ao longo dos anos, serviu para marcar uma posição marginalizada e execrada. No entanto, virando a mesa e revertendo o jogo, alguns ativistas assumiram o queer, com orgulho e afirmativamente, buscando marcar uma posição que, paradoxalmente, não se pretende fixar.

Dessa forma o papel da escola se torna importante, pois segundo Moita Lopes (2002), a criança quando chega à escola, ela já vem construída pela família no que se refere a gênero, raça e sexualidade, cabendo a escola legitimar ou recusar, colaborando ou não, para desconstruir ou afirmar certas atitudes de preconceito, racismo, violência homofobia, sexismo, entre os sujeitos.

2. Identidades de gênero, raça e sexualidade e o ensino-aprendizagem de Língua Inglesa

Levando em consideração que a língua ao ser ensinada pode ser vista como um instrumento para a prática social, (FERREIRA, 2006), ou seja, a língua como instrumento para questionar, problematizar, as normas e costumes que formam a sociedade, pode nos possibilitar a compreender, de acordo com Moita Lopes (2002), que a sala de aula de línguas é, essencialmente, um espaço onde se aprende línguas para construir significados. No entanto, para possibilitar o ensino-aprendizado da língua inglesa em momentos significativos, há uma necessidade de compreender, segundo bell hooks (2000), que na sala de aula não se pode querer ensinar como se apenas a mente estivesse presente, e o corpo não. Pois, cada vez mais, as pessoas estão reivindicando pela sua visibilidade de gênero, raça e sexualidade, tanto no ambiente escolar, como fora dele. Entretanto, no ambiente escolar o respeito e o reconhecimento pelas identidades de gênero, raça e de sexualidade se faz importante, devido estas instituições serem reconhecidas como espaços de construção de conhecimento/aprendizagem, segundo Moita Lopes (2002) os significados gerados em sala de aula têm mais crédito social do que em outros contextos da sociedade, devido ao papel de autoridade que professoras/es desempenham na construção do significado. Por isso, se faz de extrema importância refletir sobre: quais identidade nós professoras/es acolhemos em sala de aula? E quais identidades ignoramos? Quais identidades compartilhamos o silenciamento? Por quê? Pesquisas como de Ferreira (2012, 2015), Cruz (2015), Dias e Mastrella-de-Andrade (2015), têm demonstrado como as identidades de gênero, racial e de sexualidade tem impactado no ensino-aprendizagem de língua inglesa no ambiente escolar. Pois, quando pesquisamos sobre a identidade;

colocamos em evidência e em análise os discursos, as interações e a maneira como as relações de poder são exercidas entre os sujeitos envolvidos, o que torna as investigações com foco em identidades espaço importantes para se compreender melhor os processos de ensino-aprendizagem de línguas, suas especificidades, seus desdobramentos sociais e culturais, (DIAS e MASTRELLA-DE-ANDRADE, 2015, p. 77).

Possibilitando a desconstrução de estereótipos construídos através do tempo, no qual descaracteriza e impede, muitas vezes, as pessoas de assumirem suas identidades de maneira positiva, como ocorre até hoje, com a identidade racial, na qual a "criança negra enfrenta várias lutas para construir uma imagem positiva de si, sendo essas começadas pela exposição

às interpelações ideológicas que circulam na família, na escola, na sociedade em geral, a qual está fortemente atrelada à "ditadura" do embranquecimento" (CRUZ, 2015, p. 195). Ferreira (2012), afirma que a aula de língua inglesa, também é um lugar de construção de identidade social de raça/etnia, gênero e sexualidade, e que a compreensão destes temas por parte das/dos professoras/es proporcionará um melhor entendimento e empoderamento as/aos estudantes, tanto na sala de aula, quanto fora dela.

Resultados

Através do presente artigo espera-se melhorar a compreensão das questões relacionadas às identidades de gênero, raça e sexualidade nas aulas de Língua Inglesa, de maneira a buscar utilizar o espaço de ensino-aprendizagem de língua inglesa, como instrumento da prática social, construindo significados para a sala de aula e também para o mundo do qual fazemos parte. Problematizando as relações de poder entre mulheres e homens, negras/os e brancas/os, homossexuais e heterossexuais, de maneira a colaborar com a construção positiva de visibilidade, respeito e dignidade as identidades de todas as pessoas do ambiente escolar e também de toda a sociedade.

Considerações Finais

Possibilitar nas aulas de língua inglesa, a problematização das identidades de gênero, raça e sexualidade é colaborar para a construção de uma sociedade mais humana e digna. Pois, em alguns momentos o silenciamento aos conflitos de gênero, raça e sexualidade que surgem no ambiente escolar, raramente são observados com pelo viés do sofrimento de quem sofre a ocorrência. De maneira, a tentar apaziguar os confrontos, discursos como; "somos todos iguais" são utilizados sem reflexão, ou na tentativa de ignorar ou de apagar as identidades menos visibilizadas. De maneira, a não prestar atenção de que as palavras, o discurso, a linguagem deixam marcas profundas nas pessoas, tanto negativas como positivamente, carregadas por toda a vida. Sendo que certas marcas negativas, vem a acarretar muitos problemas para as pessoas que sofrem a agressão. Por isso, a escola como instituição democrática tem a responsabilidade de desenvolver uma educação cidadã e de inclusão para todas as pessoas, oferecendo-lhes a possibilidade de (re)inventar e construir caminhos para superação da violência, do preconceito, sexismo e racismo, ajudando a construir a vida social da pessoas, também, através das aulas de língua inglesa.

Referências

AUAD, Daniela. **Educar Meninas e Meninos: Relações de Gênero na Escola**. São Paulo: Contexto, 2006, 95 p.

CRUZ, Edna Souza. Entre as lutas, letras e nas letras a cor: professoras negras de inglês contam suas histórias, In: FERREIRA, Aparecida de Jesus (Org.). **Narrativas autobiográficas de identidades sociais de raça, gênero, sexualidade e classe em estudos da linguagem**. Campinas, SP. Pontes Editora, 2015, cap. 7. p. 161 -181.

DIAS, Romar Souza e ANDRADE Mariana R. Mastrella de. Narrativas de professores/ identidades sociais de raça e classe no processo de ensino-aprendizagem de inglês. In: FERREIRA, Aparecida de Jesus (Org.) **Narrativas autobiográficas de identidades sociais de raça, gênero, sexualidade e classe em estudos da linguagem**. Campinas, SP. Pontes Editora, 2015, cap. 3. p.77- 103.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. Formação de Professores de Língua Inglesa e o preparo para o exercício do Letramento crítico em sala de aula em prol de Práticas sociais: um olhar acerca de raça/etnia. **Revista Línguas e Letras**. Ponta Grossa. Vol.7, nº 12, p. 171- 187, 1º sem. 2006.

----- . Identidades Sociais de Raça/ Etnia na sala de aula de língua inglesa. In: ----- **Identidades Sociais de Raça, Etnia, Gênero e Sexualidade: praticas pedagógicas em sala de aula de línguas e formação de professores/as**. Campinas, SP. Pontes Editora, 2012, p. 19 - 50.

----- .Narrativas Autobiográficas de professoras/es de línguas na universidade: letramento racial crítico e teoria racial crítica. In: ----- . **Narrativas autobiográficas de identidades sociais de raça, gênero, sexualidade e classe em estudos da linguagem..** Campinas, SP. Pontes Editora, 2015, p. 127 -160.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro - 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011, 99 p.

HOOKS, Bell, Eros, erotismo e o processo pedagógico. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.) **O corpo educado, pedagogias da sexualidade**. 2 edição. Belo Horizonte. Editora Autêntica, 2000, cap. 4. p. 85 - 91.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação. Uma perspectiva pós estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997, 179 p.

----- . Gênero, Sexualidade e Educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, n. 46. p. 201 - 218, Dezembro 2007.

----- .**Um Corpo estranho - ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte. 2 edição, Editora Autêntica, 2013, 96 p.

MOITA, Lopes Luiz Paulo da. **Identidades Fragmentadas: a Construção Discursiva de Raça, Gênero e Sexualidade em Sala de Aula**. Campinas, SP. Mercado de Letras, 2002, 231 p.